2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 24. QUINTA FEIRA, 19 DE ABRIL DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Vantagens do sal para engordar o gado; e emprego do sal para melhoramento da Agricultura.

381 Os aperfeiçoamentos introduzidos na agricultura ha um certo numero de annos para cá, em varios estados, começam a fixar a attenção dos grandes proprietarios agricultores d'este paiz; — algumas sociedades agricolas acabam de se formar, com a patriotica intenção de popularisar as novas culturas, e os instrumentos proprios para este fim Este facto é um verdadeiro progresso; havendo todas as esperanças de que não parará aqui, e que em breve algumas escholas agricolas, estabelecidas sob o patrocinio d'estas sociedades, offerecerão á classe dos lavradores o auxilio das sciencias, applicadas á pratica.

Ninguem negará que o solo d'este paiz não seja capaz de produzir um valor duplo do que produz hoje, logo que os methodos de agricultura se aperfeiçoem.

Sem duvida, uma das primeiras precisões da agricultura, é o meio de fazer transitar os seus productos; não ha agricultura possivel sem estradas: esta necessidade é tão reconhecida hoje, que não cabe n'este artigo tractar de tal assumpto; fallar-se-ha pois de um novo methodo de augmentar a força dos estrumes.

O chlorureto de sodium, ou sal, não é sómente de primeira necessidade ao homem para condimento de seus manjares, ou para as artes fabris, tambem os animaes gostam do sal, que produz sobre o estomago d'elles o mesmo resultado que produz sobre o do homem, isto é, facilitar a digestão dos alimentos, e por conseguinte estimular o appetite.

O gado cavallar, o gado vaccum, as ovelhas, as cabras costumam lamber o sal; e muitos lavradores, tirando partido d'este gosto, nos paizes onde o sal não é sobrecarregado de direitos, misturam uma porção d'esta substancia na ração dos animaes destinados a ser vendidos para o açougue.

Não só os animaes, que comem algum sal diariamente, teem melhor apparencia, engordam mais depressa, e adquirem maior valor, mas tambem a sua carne é mais sadia e mais saborosa.

Um facto, demonstrado pela experiencia, é que os animaes alimentados com plantas leguminosas, engordam mais depressa se estes alimentos lhes são subministrados cozidos por meio do vapor d'agua.

Porém não param aqui as vantagens que o sal offerece á agricultura. Uma obra que acaba de publicar um professor de historia natural, M. Becquerel, membro da Academia das Sciencias em França, demonstra claramente que o sal póde ser um poderoso auxilio da vegetação. A abundancia e a barateza do sal nas costas d'este reino, poderá pois ser mui vantajosa aos lavradores que quizerem estudar este agente da producção.

Sabe-se que todos os terrenos não são egualmente proprios a receber a mesma cultura, ou a produzir os mesmos vegetaes.

Estas differenças dependem, em parte, de serem mais ou menos aridos, das varias composições dos terrenos, e da maior ou menor abundancia de certas substancias salinas.

Estes principios obram de duas maneiras: chimicamente, fornecendo ao solo os materiaes necessarios ao crescimento e nutrição dos vegetaes, mechanicamente, fazendo variar as condições do destorroamento das terras.

Deve-se pois attribuir a propriedade de fornecer varias qualidades de vegetaes proprios ao alimento do homem, ou dos animaes, ás terras que teem na sua composição uma proporção relativa de elementos inorganicos.

Sabe-se egualmente que se podem mudar as qualidades de um terreno, ou dos seus productos, pelas qualidades dos estrumes; as constituições vegetaes podem pois ser mudadas como a constituição do solo.

Ninguem ignora hoje que os vegetaes vivem do ar e do solo, que os produz.

O primeiro ministra-lhes os elementos necessarios á respiração, o segundo os elementos organicos e inorganicos, que servem para a nutrição: d'ahi póde-se tirar a consequencia que não é impossivel operar sobre os vegetaes, mudando a composição do seu alimento, como se tem conseguido, pelo mesmo systema, sobre varias raças de animaes domesticos, em Inglaterra e outros paizes.

Os estrumes dividem-se em duas classes; em organicos, que contéem o azote, os nitratos, e o sal ammonia; em inorganicos, cujos principaes são a cal, o carbonato de cal, de magnesia, os phosphatos, os carbonatos alcalinos, o sulphato de cal, as cinzas, o sal, e os compostos ferruginosos, os quaes servem para destruir a chlorosa das plantas e a sua debilidade.

Pela analyse da cinza dos vegetaes, produzidos por um terreno, póde-se avaliar a quantidade de materias inorganicas que formam parte d'este terreno; a qual póde ser mudada pela addição ou subtracção de certas substancias inorganicas.

A quantidade de sal para adubar qualquer terreno depende pois da composição do solo superior e inferior.

Se o solo inferior é permeavel, as aguas das chuvas poderão, em poucos mezes, levar com ellas o sal pela infiltração. Se, ao contrario, este solo inferior estiver impermeavel, o sal tornará a subir para a superficie da terra pela evaporação das aguas, e póde então produzir effeitos nocivos, ou salutares, segundo a quantidade d'agua que ficar alimentando as raizes dos vegetaes.

Em terrenos arenosos, o sal produz excellentes resultados quando é misturado com estrumes não inteiramente decompostos, e que sejam bastante humidos para o conservar durante a secca.

Sem esta precaução, a evaporação das aguas, sendo rapida n'estes terrenos, o sal prejudicaria as raizes dos vegetaes.

Os terrenos argilosos, ou aquelles que contiverem uma parte de marga (marne) são os mais proprios para receber o sal, porque conservam mais tempo a humidade, e porque a cal contida n'elles obra juntamente com os estrumes organicos.

O sal, deitado em certa quantidade, atraza a germinação sem produzir transtornos no embrião, cujo desinvolvimento opera-se normalmente depois.

Concluida a germinação, ainda o sal aproveita ás plantas com o concurso das aguas e estrumes, introduzindo-se nas fibras dos vegetaes sem alterar a composição d'estas fibras, e sem ser expulsado d'elles pelo trabalho continuo da excreção, e pelas aguas das chuvas, até que é decomposto pela cal, formando assim o *carbonato de soda*, poderoso auxilio para a vegetação, e o *chlorureto de calcium*, que as aguas levam.

Uma certa quantidade de sal augmenta a quantidade e a qualidade dos productos.

O arroz, por exemplo, submettido ao regimen do sal depois da germinação, cresce com muita força, até que morre sem produzir; quando, pelo contrario, se o sal lhe for lançado antes da germinação, ao principio é vagaroso o seu crescimento, porém depois do mez de Maio cresce com uma rapidez tal, que as espigas apparecem algumas semanas antes da epocha ordinaria, e continua vigoroso até amadurecer.

Os terrenos salgados naturalmente pelas marés equinociaes comprovam as asserções e experiencias do sabio professor, pois que estes terrenos são susceptiveis de produzir excellentes cereaes, e plantas proprias para nutrir o gado; para isso convém conserva-los humidos, até que a vegetação tenha tomado força.

Poucos ignorarão que a carne do gado, que pasta em prados onde se lhes tenha lançado sal, é muito delicada e saborosa.

O trigo, produzido pelos terrenos estrumados com algum sal, contém uma porção d'este, que se póde avaliar a 0,0015. Seria importante saber se esta quantidade d'esta substancia seria sufficiente para preservar o trigo das molestias que o atacam na germinação; bem como conviria saber se o trigo, mettido n'uma barrella de agua salgada, em logar da barrella de cal, produziria do mesmo modo, ou com mais ou menos lucro para o lavrador.

As vantagens do sal são tantas na agricultura, que as batatas tambem se dão bem em terrenos adubados com sal. O que se vê pela seguinte experiencia, a qual será devidamente apreciada nos paizes onde este legume tem sido atacado de uma molestia destruidora.

Batatas enterradas em Novembro, n'uma cova de palmo e meio de fundo com meia onça de sal, produziram tuberculos de um tamanho extraordinario, e muito sadios; outras, plantadas na primavera, segundo o modo ordinario, produziram uma porção de tuberculos, que vieram logo atacados pela molestia; devendo notar-se que os atacados foram os que estavam mais á superficie do solo.

12 de Janeiro de 1849. J. Blanchet.

Receita contra a traça.

382 A seguinte receita é empregada em París pelos commerciantes de pelletarias, plumas, e objectos analogos, para affugentarem a traça das suas mercadorias.

Bem sacudidos os objectos, apolvilhem-se levemente com um pó composto de 90 partes de pedra hume, e 10 partes de folhas de patchouli em pó.

Estes pós, sem deteriorarem em nada os objectos, teem a faculdade de affugentar toda a qualidade de vermes.

Pós para afiar navalhas.

383 Tomem-se em partes eguaes, alvaiade, denominado de Hespanha, colla forte, e encarnado inglez: pize-se tudo bem, até que fique reduzido a pó fino, peneire-se e misture-se tudo muito bem. Quando se quizer usar d'estes pós, devem-se misturar com um oleo qualquer; a especie de massa, que ficar, ponha-se sobre o afiador, e passem-se depois as navalhas por cima.

Bomba-Motriz.

384 M. Girard apresentou, em uma das ultimas sessões da Academia das Sciencias de París, uma bomba, cujo modelo é todo feito de vidro, que tem por fim appropriar-se da força natural das correntes

de agua, e de a empregar para elevar as aguas a uma dada altura.

De todas as machinas d'este genero, que existem em França, taes como as de Marly, e a da praça de Notre Dame, em París, esta é a que parece reunir as maiores vantagens.

Em todas as machinas de elevar as aguas devem-se considerar duas partes essenciaes e distinctas: — uma, que é a parte motriz, e sobre a qual a agua obra pela sua corrente, ou por seu pezo; — a outra, que é passiva ou movida pela primeira, e que eleva a uma certa altura uma parte sómente das aguas correntes. Das duas partes da machina, uma é motriz, e a outra serve para elevar as aguas. Toda a força absorvida pela primeira é dispendida pela segunda. Assim a melhor machina é aquella, que no seu jogo dispende o menos possivel da força motriz, e que dá um resultado mais proximo do maximo indicado pela theoria.

Uma das grandes vantagens da machina de M. Girard é que dá quasi a totalidade do seu effeito util: dá 80 a 90 por cento, quando até aqui a machina, que dava 60 a 70, era reputada a melhor.

Não se julgue por isto que se chegou a esta perfeição por uma construcção complicadissima: pelo contrario, o auctor o que procurou, e que conseguiu na sua machina, foi minorar as fricções, que de ordinario consomem a força em pura perda.

Esta machina compõe-se de duas bombas ligadas entre si, obrando uma ao modo ordinario, e a outra ao contrario da primeira, conforme o principio universal, que faz que invertendo a força e a resistencia, sem mudar o sentido da distribuição dos fluidos, consegue-se fazer de uma bomba um motor, e de um motor uma bomba. Assim n'esta machina existem dois cylindros e dois embolos de diametros deseguaes, e sobre estes dois embolos descançam duas columnas de agua: uma de grande base, tendo toda a altura da queda; a outra de base mais diminuta, porém cuja altura, superior á da queda, é fixada a arbitrio. E por pouco que a primeira apresente um excesso de pezo sobre a segunda, a machina põe-se em movimento, e as aguas da columna de pouca base se animam em um movimento ascendente.

Tal é o principio da machina de M. Girard. É o principio das machinas de columnas de agua em geral. Porém n'estas machinas, como em todas em que os embolos funccionam no interior d'ellas, ha um desperdicio enorme de força motriz, occasionada pela fricção do embolo sobre as paredes do cylindro.

M. Girard, com o fim de obviar a este grave inconveniente, imaginou a feitura de um embolo, no qual estes defeitos são sensivelmente minorados. Accrescendo a isto que a economia pelo seu methodo é grandissima.

M. Girard simplificou tambem a sua machina, collocando a bomba, que eleva as aguas, no centro da bomba motriz; conseguindo por este modo faze-las mover por um unico impulso.

Esta machina é de uma simplicidade tal, que a sua despeza de construcção é mui pequena.

Methodo para estanhar.

385 O ESTANHO puro applica-se com difficuldade aos metaes fundidos, e não adhere tanto ao metal, que se possa considerar a estanhadura solida e duradora. M. Budi descobriu uma liga, que preenche este fim sem voltar a fundição, bastando simplesmente esfregar com arêa, sendo, além d'isso, mais fusivel, consistente e branda do que o estanho. Esta liga, mui similhante ao processo de estanhadura denominado polychronico, que se usa em París, póde tambem applicar-se aos vasos de cobre. — A liga compõe-se de 100 partes, e dissolve-se completamente no acido chlorhydrico.

Estanho	89
Nikel	6
Ferro	5

A. S. — Technologista.

Tintura de folhas de batatas — amarello côr de oiro.

386 CORTE folhas e summidades de batatas quando estiverem em flôr, exprema-se o succo, e macere-se n'este licor, por espaço de 48 horas, qualquer estofo de linho, algodão ou lã, e tomará a tinta de amarello côr de oiro.

(Magasine of Science).

Meio para conhecer a qualidade da côr do panno preto.

387 HUMEDECE-SE uma rolha em uma fraca dissolução d'acido oxalico, e comprime-se bem sobre o panno que se pretende examinar. Se a lã houver sido tinta com anil, immediatamente no ponto tocado se formará uma mancha esverdeada côr d'azeitona, mas se o panno tiver sido tinto com páu de campeche, azul e vitriolo, será então a mancha amarella côr de laranja.

PARTE LITTERARIA.

A Litteratura.

III

388 No artigo antecedente prometti fazer uma resenha dos subsidios litterarios que possuimos, com referencia aos quesitos que n'esse mesmo artigo propuz. Venho desempenhar essa promessa, e começarei pela *Historia Litteraria.*

A Historia Litteraria é universal, ou particular; a primeira abrange todas as sciencias, a segunda refere-se a cada uma em separado. D'este modo a Litteratura, que ordinariamente encontramos designada pelas expressões *humanidades, boas-artes, bellas-let-*

tras, tem tambem a sua historia particular, applicada a cada um dos povos cultos.

A Historia Litteraria, segundo os auctores que da mesma tem tractado, deve ser chronologica, geographica, technologica, biographica, philosophica e critica. Satisfazendo a estas exigencias, é a Historia Litteraria um thesoiro inapreciavel, por isso que encerra, entre outros, os seguintes elementos:

1.° Noticia da origem, progressos, augmento ou decadencia, e estado actual da sciencia.

2.° Exposição biographica dos auctores, na ordem chronologica e successiva em que appareceram, como meio de conhecer o fim para que escreveram, a intenção que os animou, as circumstancias diversas e multimodas de familia, educação, patria, periodo historico, eschola, seita, religião, parcialidade politica, as quaes, por haverem influido no seu espirito e coração, tendem a explica-los, e habilitam para bem avaliar o seu merecimento.

3.° Analyse dos diversos methodos por que a sciencia tem sido ensinada e tractada; bem como a resenha critica e philosophica dos verdadeiros e mais seguros subsidios para o estudo, que possam servir de guia para indagações e descobrimentos futuros, e preservem os estudiosos de gastar inutilmente o tempo na leitura de producções sem merecimento, ou prejudiciaes.

4.° Noticias das differentes edições dos livros, exame comparativo das mesmas, e juizo critico sobre quaes sejam as melhores.

5.° Historia das universidades, academias, associações e estabelecimentos litterarios. typographia, etc. etc.

Vejamos agora quaes são os principaes subsidios, que temos já, para um dia se formar a Historia da Litteratura Portugueza:

A. — Temos um livro muito interessante, cujo titulo é o seguinte: *Primeiro Ensaio sobre a Historia de Portugal*, pelo Sr. Francisco Freire de Carvalho. Esta obra, que, ao parecer, é principalmente destinada a demonstrar a sem rasão com que alguns escriptores estrangeiros teem tratado a nação portugueza, taxando-a de ignorante e de atrazada em todos os ramos dos conhecimentos uteis; esta obra, digo, é bastantemente noticiosa, e revela uma grande e bem digerida erudição. Além de muitos e bons elementos para a historia especial da litteratura portugueza, contém tambem curiosas noticias ácerca da nossa Universidade, derivadas da *Not. Chron. da Univ, de Coimbra*, por Francisco Leitão Ferreira — das *Memor. man. da Univ. de Coimbra*, por Figueirôa — do *Comp. hist. da Univ. de Coimbra*, etc. — O estimavel auctor do *Ensaio* começou a escrever a sua obra nos principios do anno de 1814, como para encher de algum modo a lacuna que existia n'esta importante e rica parte da nossa historia, e que aliás já tinha sido lamentada pelo insigne Paschoal José de Mello, quando disse: *Jure tamen iidem* (Lusitani) *reprehendendi, quod litterariam gentis suæ historiam, eamque tamdiu in situ et oblivione jacere patiantur.* — Todavia o *Ensaio* só sahiu a lume no anno de 1845. — O insigne auctor deu á sua obra o modesto titulo de *Ensaio;* e com effeito, fôra impossivel a um só homem, e por em quanto, fazer um trabalho completo sobre a Historia Litteraria. Cabe-lhe porém a gloria de ser o primeiro que encetou a ardua tarefa, e tem direito á gratidão nacional por haver proporcionado alguns subsidios a futuros escriptores. (Vej. o excellente juizo critico inserto na Rev. Univ. Lisb. N.° 32 de 29 de Janeiro de 1846.)

B. — Antes da publicação do *Ensaio* de que acabamos de fallar, sahiu á luz em França um livro de grande merecimento, que muito faz ao nosso proposito, e vem a ser: *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal* . . . par Ferdinand Denis. — O nome do Sr. Ferdinand Denis deve ser-nos tão caro, como se fosse o de um compatriota nosso, pelo serio estudo que tem consagrado ás nossas lettras, pelo enthusiasmo e quasi paixão com que ha pretendido rehabilitar a nossa fama no mundo civilisado, pelos relevantes serviços que em similhante carreira tem prestado a Portugal. — Vendo elle que em França não era bem conhecida a litteratura portugueza, e por outro lado, que não existe ainda a historia litteraria *d'esse povo extraordinario, que brilhou apenas por um instante, mas assim mesmo encheu o mundo com a sua gloria*, deliberou-se a apresentar um bosquejo d'essa litteratura, tão ignorada, talvez tão desprezada! — O illustre litterato quiz ser apreciador justo, imparcial, verdadeiro, exacto . . . e para conseguir este grande *desideratum*, ei-lo que se entrega ao exame profundo de tudo quanto n'este particular póde fornecer-lhe luz, e encaminha-lo nas suas indagações. Folheia e estuda as *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* — as de *Litteratura Portugueza*, publicadas pela mesma — a *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado — o *Theatrum Lusitaniæ Litterarium* (Ms.) de João Soares de Brito — o *Diccionario da Lingua Portugueza*, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa — as *Obras Poeticas* de Francisco Dias Gomes — os *Annaes das Sciencias e das Artes*. Não contente com estes subsidios, consulta os auctores estrangeiros que tractaram das nossas lettras, taes como: *Sismondi*, *Bouterweeck*, o *Mercurio Estrangeiro*, *Linck*, *Duchâtelet*, e *Dumaurier* (viagens) *Andrés* e *Balbi;* e a final lê os nossos escriptores de diversos generos e seculos, para adquirir um cabal conhecimento do assumpto. — Possuidor de taes conhecimentos, e enriquecido com esses cabedaes, passa a apreciar o merecimento litterario dos portuguezes nos differentes periodos da sua vida nacional, e é então que muito sobresahem o vivo interesse, o sentido enthusiasmo que as nossas coisas lhe inspiram, a par de todos os requisitos de excellente critico. — E comtudo, o maior merecimento do *Résumé* (aliás tão recommendavel pelo methodo, doutrina, gosto e criterio) é o de demonstrar a indispensabilidade de um trabalho infinitamente mais extenso, desinvolvido e largo, talvez segundo o modelo da inapreciavel obra de Ginguené.

C. — E visto como mencionámos já a *Bibliotheca Lusitana*, digamos alguma coisa a respeito d'ella. — A *Bibliotheca Lusitana*, escripta, como se sabe, por Diogo Barbosa Machado, é a obra mais rica que possuimos em noticias biographicas e bibliographicas dos nossos escriptores, e debaixo d'este ponto de vista ha de sempre ser consultada com muito proveito das Lettras. — O *douto e incansavel* auctor aproveitou

o *Thesaurum Lusitaniæ Litterarium, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*, do Dr. João Soares de Brito, recorreu, com admiravel paciencia, a todas as fontes de erudição que encontrou em varios manuscriptos, e a informações de pessoas competentes, e fez á Litteratura portugueza um relevante serviço, colligindo um vasto catalogo chronologico, historico, e critico dos auctores portuguezes, e das obras que compuzeram. — Um tal trabalho, porém, requeria essencialmente a mais apurada critica, e não parece ser esta a qualidade que mais sobresahe na obra de Barbosa, com quanto digna do mais subido apreço a muitos respeitos.

O Sr. Ferdinand Denis, fallando d'esta obra, diz: «Não esperemos de Barbosa uma critica interessante; conta a vida dos auctores, apresenta a lista das suas obras, e transcreve o juizo critico que outros teem feito, e n'esta parte deve ser lido com toda a reserva, por isso que, de envolta com louvores imparciaes e illustrados, refere outros, que ou são devidos a mera contemplação, ou peccam por exagerados.» — *É necessario*, diz um philologo nosso, *desconfiar muito dos elogios em que costuma ser prodigo o auctor da* Bibliotheca. *Veja-se o nosso José de Sousa, que era um cego dado á poesia, e ahi se encontrará uma hyperbole a mais injuriosa á memoria do cantor da Ilyada.* O mesmo philologo diz n'outra parte: *Não é seguro o auctor em as noticias da Litteratura grega, nas quaes, ainda ignorando a lingua, podia ser mais exacto.* — Na *Bibliotheca* notam-se muitos erros de datas, descuido aliás que não deve ser estranhado severamente em obra de tal natureza e tão vasta. — No Diccionario da Academia é elogiada esta obra, como: *entre nós primeira, e até agora unica no seu genero, digna da publica estimação, e sempre benemerita da Literatura portugueza, por seu grande trabalho, indispensavel utilidade, copiosa lição, e experimentado prestimo.* Mais abaixo, porém, lê-se: *Se d'ella . . . algumas vezes nos apartámos, ou lhe advertimos alguns descuidos, é, ou por motivos que a isso nos obrigaram poderosos, . . . ou para que os taes descuidos, inevitaveis em uma tão longa obra, se emendem para o futuro em beneficio commum.* — Da Bibliotheca fez um *Summario* ou *Resumo* o professor Bento José de Sousa Farinha, que muito util se torna aos que não possuem a obra completa.

D. — Diccionario da Lingua Portugueza, publicado pela Academia Real das Sciencias. — Citamos esta obra importantissima, não obstante tractarmos da Historia Litteraria, por isso que alli se encontra um erudito e curiosissimo catalogo de autores portuguezes, que se leram, e de que se tomaram as auctoridades para a composição do mesmo Diccionario. Este precioso catalogo, que deve considerar-se como um supplemento á *Bibliotheca*, tracta mais das lettras e sciencias dos auctores, do que de suas vidas e acções particulares, e ainda com mais especialidade se occupa do tocante á pureza e elegancia da lingua portugueza. — Como curiosidade da nossa Historia Litteraria, permitta-se que aqui transcrevamos o que a respeito da composição do *Diccionario* disse, em sessão de 22 de Janeiro de 1843, o illustre Secretario Perpetuo da Academia, o Sr. Joaquim José da Costa de Macedo: «Tres homens commetteram a empreza, que occupou «na França, por espaço de quarenta annos, quarenta «homens para ella pensionados; e a Academia im«primiu, em 1793, o 1.º volume do Diccionario da «Lingua Portugueza, cuja vastidão colossal não teve «prototypo, nem imitador, e que, segundo a opinião «dos sabios estrangeiros e nacionaes, que teem voto «na materia, é um dos maiores monumentos da nos«sa Litteratura. Tres homens sós o concluiram, e tal «foi a generosidade de sua briosa dedicação ao ser«viço da Academia, que até lhe fizeram o sacrificio «da gloria que podiam alcançar por suas tarefas, não «querendo que a Nação soubesse a quem devia um «trabalho que se publicava em nome da Academia. «Tres homens sós, que por premio se contentaram «com um exemplar do Diccionario, como recebeu «qualquer outro socio; e dois dos quaes (os Srs. «Agostinho José da Costa de Macedo, e Bartholomeu «Ignacio Gorge) cegaram, em consequencia das fa«digas insanas com que um capricho fatal os fez le«var ao cabo o proposito que tanto haviam tomado a «peito; e o outro (o Sr. Pedro José da Fonseca), a «quem se deve o primeiro pensamento d'esta grande «obra, para não perecer á mingoa, nos ultimos an«nos de sua vida, foi necessario que a Academia o «soccorresse, a titulo de compra de alguns livros, «por não offender o seu melindre.»

Quantas e quão amargas reflexões não suscitam estas poucas, mas bem significativas palavras!

E. — Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua Portugueza, pelo Sr. João Baptista Leitão d'Almeida Garrett. — Ao ler este precioso trabalho de um dos mais talentosos litteratos de Portugal, acode logo ao pensamento o Elogio de Plutarcho, por Thomaz: «Évoque devant moi les grands hommes, je veux les voir, et converser avec eux, etc.» — O Sr. Garrett, depois de algumas considerações sobre a nossa lingua, começa a fazer desfilar ante o leitor os grandes vultos dos nossos poetas, e do modo mais energico e imaginoso no-los dá a conhecer, apresentando-nos uma luminosa noticia das suas producções, as quaes avalia com a mais fina, atilada e judiciosa critica.

Mas basta por hoje . . . Sendo ainda longo o inventario da nossa riqueza em subsidios para a Historia Litteraria, é força reservar a continuação d'este meu mesquinho trabalho para outro artigo; e depois passarei, mais desembaraçado, a fazer a resenha dos cabedaes que possuimos nos outros ramos da Litteratura.

José Silvestre Ribeiro.

A uma rosa *.

389 A rosa pura e singella
Sósinha vim encontrar:
Sendo emblema da belleza,
A saudade faz lembrar.

A. Mello S. Lourenço.

* Estes versos foram escriptos, em Fevereiro passado, sobre uma meza de pedra na quinta do Sr. Marquez do Fayal, ao Lumiar.

Encontrei solitaria uma rosa,
Toda vida, perfume, e rubor;
Pela vêr assim triste e saudosa
Dei á pobre um sorriso d'amor!

PATO BULHÃO.

Nasceste para a desgraça,
Ficaste desamparada;
Deu-te a sorte mór ventura,
Em versos foste cantada.

L. RIBEIRO.

Eu e Elle.

(Continuado do n.º 20.)

390 TRÁS — e o assento da cadeira, que me servia de verdadeiro pedestal, baquea no sobrado, e obriga-me a fazer um equilibrio digno do *bis*.

Queria ver um improviso de Sequeira, que tinham posto a marinhar por uma parede acima.

— Misericordia! grita-me, junto dos ouvidos, e muito espavorido, o saloio, que eu deixára á porta do palacio.

— Misericordia! responde estupidamente uma coisa viva, com pertenções para se chamar mulher, e que abríra uma porta que dava para o corredor em que eu estava.

O saloio era o movimento; a saloia era a inercia.

Em quanto o pobre do homem traduzia o susto, de que estava possuido, em varias attitudes burlescas, ella (em typo regular — parece-me que ha de ser em pandecta) com as mãos cruzadas sobre o estomago, ia destingindo-se em um amarello estupido, que explica melhor o medo, na sua mais ridicula fórma, do que os diccionarios de grande credito.

Mas.... dirá o leitor... mas espere, que não tem mais pressa do que eu, pois que deve saber que o relogio anda já perto das 2 horas, e tenho que me deitar, e que ver nascer o sol antes de acabar o artigo.

Não sabem, Sequeira era um poeta... chamam-lhe pintor: estão enganados; o seu estro não podia esperar pela combinação das tintas, nem pelos traços do pincel... corria mais do que o seu braço, corria mais do que cem braços, se os houvesse podido sujeitar aquelle pensamento, que, á semelhança das catadupas do Nilo, se desatava com tal impeto, que não podia ser seguido.

Não acabava nada, dizem os que não sabem entender as suas obras; e fazem-lhe o maior, o mais justo louvor com esta censura.

Sequeira tomava um papel, rasgava-lhe um pedaço, e, depois de o queimar por um dos lados, enchia cadernos e cadernos com a torrente impetuosa de phrases artisticas, que iam sempre correndo parallelas com a sua imaginação. — Se esboçava o effeito do somno cerrando as palpebras de uma linda creança, as edades, as varias nações vinham grupar-se em volta d'este pensamento, que não podia morrer sem haver tomado mil fórmas. — Se a harmonia lhe passava depois pela mente, ei-lo povoando de harpas e de infindas deidades quanto papel se lhe apresentava... e quando o braço já não podia, a imaginação caminhava ainda, voando pelo espaço, em que só a morte lhe poderia queimar as azas.

Eis-aqui o segredo d'essas cabeças que vivem, porque dois traços lhes dão movimento, mas que não estão completas pela fórma... eis-aqui a causa por que os esboços de Sequeira são como um grande poema que não está acabado, porque se não podia acabar. E quantas pessoas entram no palacio do Marquez de Marialva, passam por este corredor, e não demoram a vista por alguns instantes no esboço que estou decorando!.. não se riam: eu decoro os quadros pelo pensamento, pelo desenho e pelo colorido, assim como se póde decorar um livro: não sei ensinar a mnemonica de que uso, mas serve-me perfeitamente.

Tudo isto pensava eu, em quanto o assustado par se ia aproximando de mim.

Fui obrigado a separar-me do abandonado desenho.

— Então por que se assustam?

— Ah!... pois o senhor...

— Então não sabe...

—... que as cadeiras abatem como se estivessem desconjuntadas por certo que não sabia.

— Não é isso.

— É o fim do mundo!

— Ora façam favor de me deixarem ver o resto do palacio.

— Pelos modos, aqui o senhor é dos taes que zombam d'estas coisas: — disse a mulher para o homem como quem me censurava pela pouca attenção que eu dera ás interrupções que deixo escriptas.

— Mas, digam-me, de que é que eu zombo?

— Do fim do mundo, — me respondeu a mulher com modo mysterioso.

— Fazem favor de me abrir aquella porta?

— Então na cidade não sabem ainda nada! e, abrindo vagarosamente uma porta, diz: — Deus lhe acuda...

— E já não falta muito para o dia 24 — observou o saloio, dando ás palavras o som lugubre de um dobrar de finados.

Mal que entrei para a sala que procurava, respirei mais livremente, corri as grandes cortinas de merinó que forram as paredes; ergui-as, e as lojas do Vaticano, gravadas por Velpato, discipulo do tão conhecido Bartolozzi, e mestre do grande Morghen, me appareceram de subito.

Abre-se outra porta, e um soldado, fazendo a devida, mas nem sempre paga, continencia, pergunta pelo sr. Official.

A mulher respondeu-lhe:

— Olhe, senhor *passador*, elle ainda não veio da *estrangolação*; e voltando-se para mim, perguntou-me: — O senhor já vio as *pirangulas* que a nossa Rainha mandou pôr na serra?

— Eu não sei para que é aquillo: observou o saloio, julgando os importantes trabalhos, que o Sr. Folque dirige com tanto acerto, do mesmo modo que os julga muita gente, que veste uma casaca de panno preto, comprada em o n.º 20 da Rua Augusta, que se enfeita com um domingal collete de lustroso setim preto, pendurando a commenda na casaca com o apurado gosto com que põe um alfinete de dia-

mantes no meio de uma prega, que symbolisa a largura do Tejo entre Cacilhas e o Caes das Columnas.

— Estou que não será para nos venderem aos inglezes: respondeu a saloia.

— E que seja; disse resignado o marido, se no dia 24 ha de acontecer o que sabemos...

— Então sempre acreditam? disse o soldado, rindo destemperadamente.

— Faz-se parvo, ou parece-o... então não sabe que a tia Anna viu isso nas cartas, e mais na agua benta do seu alguidar, assim como nos estamos agora vendo.

— A tia Anna é uma bruxa, e você é outra.

— Por isso mesmo é que ella sabe que, se fizer muita nevoa, é signal certo de que se acaba o mundo.

— Tive ainda agora um grande susto, porque — deixemo-nos de contos — meu amo diz que eu sou tolo, mas não sei que lhe diga... porque o tolo não lhe engoliu a pilula: diz que isto é patranha, e falla em metter obras no palacio quanto antes... como ha de ficar alguma coisa, póde ser que seja esta caza.

— Que já é boa arca de bichos; e com estas palavras, e outra continencia, se despediu o soldado.

Para contraste do ridiculo, que eu tinha ao meu lado, restava-me a maravilhosa obra de Raphael.

Emquanto a imaginação subia, como a chamma, por essas linhas e figuras que, em profusão, se apresentavam ante mim: emquanto a luz do crepusculo, que me fugia, se podia aproveitar, eu via Julio II elevado ao solio pontificio depois de haver cingido a mitra em cinco dioceses, e tendo na mão do baculo a espada com que venceu Luiz XII e animou Henrique VIII; vi-o assim no maior auge da gloria humana estender a mão ao pobre discipulo de Perugino, e dizer-lhe, levando-o ao Vaticano: «Raphael, traça o plano do que ha de ser o templo da immortalidade do teu nome.» E assim foi. Mais do que um templo se levantou, na cidade dos Cesares, á arte, ungida pelo sangue do filho da Judéa; e emquanto o sentir de Urbino se reproduzia nas suas lojas, como se o livro dos livros tivera de ser por elle commentado, Miguel Angelo, ás primeiras epochas do mundo de que Raphael descrevia a primitiva e santa historia, juntava o prodigio com que representou o juizo final. Se eu tivesse saber e coragem para uma prelecção de bellas-artes, não me havia de esquecer a aproximação d'estas duas obras; mas tomo a liberdade de aqui deixar esta lembrança, desejando que o Sr. Corvo a aproveite, se não a tem já no seu plano.

Sahi do palacio depois de me demorar algum tempo, para provar que não era o architecto que esperavam, e de trabalhar por socegar aquella pobre gente ácerca do fim do mundo, que julgavam tão proximo, pois que por entre o povo miudo se tinha espalhado o boato de que se esperava tal acontecimento, que nem por isso é muito normal.

Parodiando Napoleão em S. Helena com os braços cruzados e gesto taciturno, caminhava eu por Senteais, eis senão quando começa o seguinte dialogo entre mim e um sugeito, que primeiro me falla do que eu o veja.

Antes de desempenhar as modestas funcções de tachigrapho, farei por ser pintor, e esboçarei o retrato do meu interlocutor.

Corpo curto, cabeça de melão, e quasi sem nariz, porque esta feição mal se lhe divisava no rosto; olhos pequenos e redondos, côr de castanha mui clara; cabello hirto e grisalho, cara rapada como a de um frade, e uma duzia de cabellos negros a transformarem-lhe o extremo do nariz em repucho capilar, eis-aqui o retrato a que dava animação uma bocca que parecia não se ter nunca fechado.

Vestia uma sobrecasaca preta, que lhe chegava quasi até aos pés, e completamente revolucionada com o peito, a ponto que parecia que a íam despir: as calças tinham todas as côres de uma caixa de tintas, e o colete de veludo carmezim queria trepar pelo peito acima, como se tivesse que sahir pela cabeça: uma resplandecente abotoadura de metal amarello enfraquecia o effeito de um grande cão d'agua de oiro, que, prezo á respectiva corrente, estava pregado á camiza, em que se notavam os effeitos do muito trabalho que fôra mister para lh'o pôr.

Com o chapéu na mão, é que o vi quando me disse:

— Sou um criado de V.

— Egualmente.

— Se me fizesse o favor...

— Não tenho a honra de saber quem é.

— O senhor não conheceu meu pae?

— Ora meu senhor, estou ás suas ordens... tenho muito que fazer.

— Tambem eu: ainda hei de ir tomar café ao Marrare, que, a fallar a verdade, é mesmo um céu aberto; depois não posso faltar á Philarmonica, porque tenho lá uns parceiros do voltarete.

— Estimo muito.

— Mas, pelo amor de Deus, se me deixa aqui vou querelar de V.

— Então faça favor de me dizer o que quer de mim?

— Aqui é Cintra?

— Assim lhe chamam.

— Então digo-lhe que os caixeiros do algibebe estavam doidos: lá no Minho ha d'isto a cada passo, e mesmo em Lapella, que é a minha terra.

— Com sua licença, não posso ficar aqui parado.

— Pois eu tambem vou com V. , e olhe que nem em Coimbra a meu irmão doutor fizeram uma d'estas.

— Mas o que lhe aconteceu?

— Faz favor de me ouvir.

E n'este ponto preparava-se para me embargar o passo.

— Sim, senhor; mas não de o vêr.

— Pouco lhe conto. Fui comprar este *casaco*, e como o tempo em Lisboa me custa a passar, comecei a conversar com o homem da loja — queria-lhe lêr um fragmento da minha traducção do Erasmo, feita livremente, e com a introducção da nova vogal, que inventei, porque é preciso que saiba, que sempre, desde pequeno, me pareceu uma asneira que, para vinte consoantes, só houvesse cinco vogaes. — Se Deus me der vida, ainda este desproposito ha de acabar.

— Faz muito bem.

— O homem não me entendia; viu passar um carrão, e fallou-me em uma tal terra muito perto da cidade, que era coisa de espantar; no meio do elogio passa outro carrão, subi para dentro, deixo-me

conduzir, e acho-me aqui sem jantar, e com dois cruzados novos de menos na algibeira, pois que tanto me custou a viagem.

— Para lhe fallar com franqueza, ainda não sei o que pretende.

— É justamente o que lhe vou dizer.

Palavras não eram ditas, e oiço o meu companheiro da digressão a chamar por mim. — Vinha debaixo do arco que separa os dois corpos do palacio. Eu e o viajante, vindo pelo Omnibus, estavamos ao pé de uma das cancellas de ferro, que fecham Sente-ais.

Dei o braço ao meu amigo, assim que o vi perto de mim, e em quanto o desconhecido se demorou perto das cancellas fazendo-nos as honras da sahida, como se o campo fosse seu, despedimo-nos d'elle com a maior polidez, offerecendo-lhe de jantar.

O homem, pela hora adiantada, tomou o offerecimento como se fôra um brinquedo, e ficou escandalisado, ainda que sem motivo.

Perguntei ao meu amigo o que tinha vindo fazer a Sente-ais.

Respondeu-me: — Versos á lua.

— É innocente, mas não é novo.

— Um plagiato de Adão póde muito bem não ser original.

— Isso depende da Eva.

— Mas até com uma Eva original se fazem versos, que se não podem chamar novos.

Ainda não disse ao leitor que estou escrevendo sobre a mesa em que jantámos, e que o meu amigo, com os pés quasi pregados no fogão, e os olhos no tecto, sopra em volta do rosto uma nuvem de fumo de charuto.

Como tenho o costume de lêr em alta voz o que vou escrevendo, ouviu o principio do dialogo, e vem corta-lo recitando os taes versos.

Ante a poesia, que anda na moda, foge a prosa toda envergonhada.

Vou sentar-me em uma cadeira estofada, para olhar para a luz, em quanto o meu amigo escreve aqui os seus versos. Talvez que para o diante, n'este escripto ou em outros, escreva os mysterios da luz, mas ha de ser da luz de uma vella de cera.

Eis-aqui os versos: —

Á LUA.

Ó lua, tens tal pureza,
Tal modestia e singeleza,
Que não póde a natureza
Levar-te ao rosto o rubor.
Quero dizer-te o que sente
A minha alma, que não mente;
Quero sejas confidente
Do meu mysterioso amor.

Como tu, é tambem pura
Esta alma, que te procura;
Como tu, tem tal candura,
Que nada a faz corar.
Mas de injustos a cegueira
Faz que nuvem passageira
Venha, como em ti, ligeira
Sua innocencia manchar.

O meu meditar profundo
Vem das miserias do mundo,
De erros abysmo sem fundo!...
Bem esteril meditação!...
Porque elle foi assim feito...
Cumpre viver-lhe sujeito,
Rendendo estupido preito
Á imprudente convenção.

Mais do que eu afortunada
Vives nos céus isolada,
Pura, santa, immaculada,
Sem dos homens recear.
O rugido tormentoso
Do seu fallar enganoso
Não póde alterar, cioso
O teu placido brilhar.

Eu ardo n'um fogo lento,
E aprecio o meu tormento,
Porque é todo o meu sustento,
Porque é todo o meu viver!
Mas o calor que me inflamma,
Esta porfiosa chamma,
Branda frescura reclama
Do teu sereno jazer!

Nos Seteais. ELLE.

Não posso continuar porque temos fogo na hospedaria.

(Concluir-se-ha)

BELLAS-ARTES.

Sociedade de Arundel, ou Sociedade promotora dos conhecimentos artisticos.

DIRECÇÃO = *Lord Colborne — Conde de Compton — Major-General, Fox — O Reverendo Sidney Herbert — Sir John Stuart Hippisley — James Hope — H. Bellenden Ker — Marquez de Lansdowne — O Reverendo Liddell — Lord Lindsay — Carlos Newton — Edmundo Oldfield — Samuel Rogers — John Ruskin — Secretario, G. Aubrey Bezzi.*

391 A FORMAÇÃO de sociedades, dedicadas, em geral, á cultura do espirito, tem, ha muitos annos, facilitado e promovido a instrucção publica da litteratura e da sciencia. Por mutua assistencia e communs esforços, obras de varios generos teem sido levadas a cabo, apezar de serem extensas e dispendiosas. Varias obras, que teem sido publicadas por individuos como especulação litteraria, teem soffrido na sua perfeição e belleza de impressão (levando-se em vista a sua barateza e popularidade), ao passo que se tivessem sido publicadas por Associações grandemente interessadas no progresso das sciencias e artes, obteriam uma fórma, e um caracter mais util e mais adequado aos objectos que tractassem. A propria economia, sem embaraçar os esforços de taes Associações, tem, em muitas occasiões, resultado de

sua propria organisação, a qual as habilita a progredir, quer pelo auxilio gratuito dos seus membros, quer pela maior divisão de trabalho, e acção em maior escala, evitando assim dispendio de recursos, energia e tempo. Por estes motivos somos devedores da publicação de raros documentos ineditos ás Sociedades de *Camden* e *Hakluyt*: de memorias originaes e tractados de astronomia, do systema de Linneu, e outros corpos de sciencias similhantes, á Sociedade dos Antiquarios e á Real Sociedade de Litteratura.

As maquinas, comtudo, que teem vindo em auxilio á cultura das lettras, das sciencias e da archeologia, teem, até agora, sido empregadas, sómente em limitada escala, para promover os conhecimentos artisticos. Verdade é que as producções da antiga Grecia e de suas colonias, seus edificios e sua esculptura, teem sido illustradas pelos trabalhos da Sociedade *Dillettanti*; e recentemente muito se teem illucidado sobre a architectura da edade média pelas numerosas instituições, dedicadas exclusivamente ao seu estudo. Comtudo, estas instituições não teem, até ao presente, seguido os estudos systematicos dos monumentos de pintura, nem das varias artes de ornato, que sobresahiam, de um modo tão distincto, na edade média, nem tão pouco teem emprehendido as investigações dos principios theoricos, communs a todos os ramos da arte, pelos quaes deveriam ser guiados os seus trabalhos, e julgado o seu complexo.

Esta diligencia para supprir tal falta, será agora vantajosamente empregada sem alguma duvida. Em nenhum periodo dos tempos modernos os recursos da arte teem sido mais geral, senão mais intelligentemente estimados do que ao presente. Para progredirem os verdadeiros interesses da arte, e alcançarem-se todos os beneficios que devem resultar da sua influencia, é tão sómente preciso que este gosto não seja mal dirigido por falta de instrucção. Os materiaes para tal instrucção são abundantes, porém dispersos, pouco accessiveis, e, em muitas occasiões, desperdiçados. Muitos dos frescos de Giotto, Orcagna, Ghirlandajo vão desapparecendo rapidamente, sem nunca terem sido bem desenhados, nem cabalmente descriptos. As gravuras de taes obras, cuja belleza deve estar mais na sua concepção do que na sua execução, apresentam poucos atractivos como negocio de especulação, comtudo nada produziria mais vantagens, quer como illustração da historia da pintutura, quer como modelos do seu espirito, ou como guias para a sua execução. Valiosos conhecimentos em varios ramos da arte teem-se alcançado sómente por escriptos estrangeiros, que não seria possivel traduzir por individuos particulares, por terem de ser publicados por preços exorbitantes.

Estas considerações suggeriram a formação de uma Sociedade, com o seguinte programa: — Uma direcção, consistindo geralmente em 14 membros, podendo variar este numero, é encarregada unicamente de toda a gerencia da Sociedade; bem como de escolher as obras que se hão de publicar, e correr com todas as despezas. Todas as obras se dividirão em duas classes: — a primeira, de litteratura, comprehende todas as especies de composições que possam illustrar os principios ou a historia da arte em todos os seus ramos, bem como as traducções estrangeiras e os resumos de escriptos volumosos sobre o objecto; as tentativas (*essays* feitas por membros da Sociedade, e as memorias ineditas que lhe sejam apresentadas: — a segunda classe comprehenderá as gravuras de importantes exemplares de architectura, esculptura, pintura, e desenhos de ornato; na escolha das quaes preferir-se-ha mais a instrucção que possam ministrar, do que a sua immediata popularidade; e que a sua execução mostre mais perfeitamente o original, do que lisongêe pelos seus attractivos a vista. Para se determinar as obras que se devem publicar, e o tempo da sua publicação, ter-se-ha em vista as despezas, porém não se poupará nunca dispendio algum para se alcançar a maior perfeição. — Um exemplar de cada publicação será dada a toda a pessoa que contribuir annualmente com a subscripção de uma libra.

Convidando o publico para subscrever, a Direcção pensa ter demonstrado que o seu principal objecto é de interesse publico, e que os interesses individuaes não se podem tomar em consideração senão muito secundariamente: bem como que o producto recebido, deduzidas as despezas da collecção, será applicado para outras publicações.

Uma conta annual das despezas será dada a todo o subscriptor. Todos os subscriptores são responsaveis pelas suas assignaturas se não avisarem seis mezes antes que não querem continuar. Se o não fizerem, as suas subscripções são reputadas vencidas no 1.º de Maio de cada anno.

Entre as obras, que vão ser tomadas em consideração, devem ser mencionadas as seguintes: —

Uma traducção em inglez de Vasari, com uma escolha das notas das edições allemãs e italianas.

Um resumo dos elementos da historia da arte na Grecia, deduzida de medalhas gregas, illustrado com estampas.

A publicação de varios manuscriptos ineditos.

Uma comparação critica dos principaes estylos de desenhos, que apresentam as pinturas das vidraças na edade media.

Gravuras das seguintes obras de arte: —

A Cathedral de Orvieto, sua architectura, esculptura e frescos.

A estatuaria, traça das janellas e tabernaculo de S. Michele, em Florença.

A architectura e esculptura da capella de Spina, em Pisa; e o pulpito, por Nicola Pisano, em St.º André, em Pistoja.

A egreja de S. Francisco, em Assis, sua architectura, principaes frescos, e outras decorações.

Os frescos de Giotto, na capella Arena em Padua.

Os frescos de Benozzo Gozzoli, na capella do palacio Riccardi, em Florença.

Os de Angelino Fiesole, na capella de Nicoláu V, no Vaticano.

As obras de Majolica, da familia Della Robbia, no hospital de Pistoja.

Frescos na capella de Sacra Cintola, no Zimborio do Prato, por Agnolo Gaddi e Filippe Lippi.

As obras de Giovanni Bellini, nas egrejas de S. Zacharias, do Redemptor, de S. João Chrisostomo, e dos Frari, em Veneza.

As obras de Tintoretto, na eschola de S. Roque, em Veneza.

Uma escolha das obras não publicadas de Guilherme de Colonia, Van Dick, Memling, etc.

O Escriptorio da Sociedade é em Londres, em caza dos Srs. *Paul* e *Dominic Colnaghi & C.º*, *Pall Mall East*, n.º 13 e 14.

A Redacção da Revista tem a honra de offerecer ao publico o seu Escriptorio para acceitar subscripções para esta obra.

As pessoas que subscreverem, e forem assignantes da Revista, receberão em sua caza as obras que se publicarem, pagando, além dos 4$500 rs. da subscripção, o porte do correio.

A subscripção será paga quando se receber a primeira publicação da Sociedade.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

11 a 17 d'abril.

Diario n.º 84.

392 Mappa demonstrativo da importancia do imposto addiccional para a amortisação das notas, desde 4 de Março até 3 de Abril corrente. É a somma d'este mappa 68:647$014 rs.

—

Dito n.º 86.

Estado do mercado de diversos portos dos Estados Unidos, em relação aos productos do nosso paiz. *(Pela sua extensão o não publicamos, mas convem ler-se.)*

—

Dito n.º 87.

Carta de Lei estabelecendo as regras que se hão de seguir para a formação de conselhos disciplinares, em que se advirtam e corrijam as faltas dos juizes, não classificadas crimes, ou erros de officio.

Declaração do bloqueio dos portos da Sicilia.

—

Dito n.º 89.

Copia de uns paragraphos do officio do Consul de Portugal em Gibraltar, sobre o nosso commercio com aquella praça, e um mappa da importação em Gibraltar de varios artigos de producção portugueza, e outros em bandeira nacional em 1848. Somma este mappa 67:225$650 rs.

Imagens da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

393 Sr. Redactor. — Confiando em que V. não duvidará acceitar uma pequena, mas veridica, informação ácerca da circumstancia, involuntariamente emittida no §. 2.º do artigo *Procissões de Penitencia*, que vem inserto no N.º 19 da Revista Universal, de que a veneranda Imagem do Senhor Crucificado, que ía no prestito da procissão da freguezia do Sacramento, no Domingo 11 do passado mez, *pertence ao Carmo;* e como nunca pertenceu, rogo a V. o obsequio de mandar inserir no proximo numero a seguinte declaração.

A Imagem respeitavel, que representa o Redemptor Crucificado, e que tem a singularidade não só de ser do tamanho natural, mas de attrahir, pela sua belleza e perfeição, o mais vivo interesse, e verdadeira devoção dos fieis, *pertence á Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo*, e nunca pertenceu ao Convento do Carmo. — Venera-se na Capella da Ordem no Largo do Carmo, aonde desde muitos annos a teem vindo admirar e adorar as pessoas devotas, não só da capital, mas de muitos logares distantes.

Esta Imagem, e mais seis, que representam o Redemptor do mundo nos differentes Passos da sua Paixão, as mandou a Ordem Terceira fazer no anno de 1759. São tão perfeitas, e os rostos de tal maneira retratados, que não se differençam senão pelos diversos Passos que representam.

Na mesma procissão da freguezia do Sacramento, a que se allude, ía tambem a manga da Cruz, ricamente bordada com oiro fino, que, egualmente desde aquella epocha, pertence á Ordem Terceira, e faz parte de muitos outros objectos de custoso valor, que, com a Procissão do Triumpho da Cruz, que a Ordem antigamente fazia na penultima sexta-feira de quaresma, acompanhavam as referidas Imagens.

Agradecendo a V. a sua bondade pela publicação da presente informação, em addicionamento ao artigo citado, tenho a honra de me assignar com attenção, etc.

Lisboa, 7 de Abril de 1849.

O Secretario da Meza da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Macrobia.

(Carta.)

394 Sr. Redactor. — Como a *Revista* é o collector mais cuidadoso e incançavel de quantos phenomenos notaveis apparecem por esta boa terra de Portugal, lembrei-me de lhe enviar a seguinte noticia de uma extensa e pouco vulgar longevidade, para V. a registar no seu jornal, se a achar digna d'isso. — Em 2 d'este mez falleceu nas immediações d'esta aldêa, n'um cazal chamado *Bairro do Lobo*, d'esta mesma freguezia, Maria Violante, viuva ha 85 annos, e com 116 de idade. Conservou perfeitas, até ao ultimo dia da sua vida, todas as funcções intellectuaes, e tanta agilidade no corpo, que ainda este anno veio desobrigar-se á sua freguezia, na distancia d'um quarto de legua, a pé e sósinha. Conheceu 10 filhos, 90 netos, e 65 bisnetos. Era camponeza na condição, nos habitos, no alimento e no trabalho.

Sanguinhal, 10 de Março 1849.

Sou etc.

Manoel Maria Campos Feu e Torres.

395 MAPPA ESTATISTICO DA PRODUCÇÃO DO ARROZ, NO ANNO DE 1848, NOS DISTRICTOS ADMINISTRATIVOS DO CONTINENTE DO REINO, ABAIXO DESIGNADOS, UNICOS ONDE SE CULTIVA ESTE FARINACEO.

DISTRICTOS.	Quantidade de semente lançada á terra.		Total da producção.		Comparação da colheita no presente anno com a do anno anterior.			
					Para mais		Para menos	
	Moios	Alq.s	Moios	Alq.s	Moios	Alq.s	Moios	Alq.s
Coimbra	54	58	923	20	—	—	266	17
Leiria	16	22	205	59	—	—	41	16
Lisboa	180	24 ¾	7:387	45	—	—	383	14 ¼
Portalegre	2	56	41	12	—	—	—	—
Evora	24	9 ½	936	50	—	—	—	—
Faro	12	2 ½	449	1	484	16 ½	—	—
Béja.	10	17 ¼	426	54	—	1	2	15
Somma	301	10	10:371	1	484	17 ½	693	2 ¼
Resultado. . .	. . . . .	. . . . .	. . . . .	. . . . .	. . . . .	—	213	11 ¼

N. B. No Districto de Lisboa foi comparada a colheita de 1848 com a de 1844 por se não terem feito as estatisticas dos annos posteriores.

COMMERCIO.

396

Cereaes em 18 de Abril.

Trigo do reino rijo	de	360	a	460	réis a bordo.
» » molle	de	400	a	520	» »
» da ilha	de	400	a	450	» »
Milho do reino.	de	230	a	250	» »
» da ilha.	de	200	a	210	» »
Cevada do reino	de	220	a	230	» »
» da ilha	de	200			» »
Centeio do reino	de	250	a	250	» »

—Na praça de Londres, foram, em 5 de Abril, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		Fechados.		Por 100.
Consolidados.	3 p. %	92	92 1/8	»
Redusidos.	3 »	Fechados.		»
Fundos	3¼ »	»		»
Exchequer bills de Março . .		44	48	Premio.
» de Junho . .		44	48	»

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	—	—	Por 100.
Brasileiros	5 »	79	81	»
Dinamarquezes	3 »	—	—	»
Hispanhoes	5 »	16¼	16¾	»
Ditos	3 »	30	30½	»
Hollandezes.	5 »	77½	78½	»
Ditos	2½ »	49½	50	»
Mexicanos	5 »	30¼	30½	»
Portuguezes.	4 »	28	28½	»
Ditos consolid. 1841 .	—	27	27½	»
Ditos divida interna .	—	Sem preço.		—
Russos.	5 »	102	105	»

—Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		53	53⅛	Por 1$000 rs.	
Porto.		53¼	53⅝	»	
Rio de Janeiro		24½	25	»	
Bahia.		—	—	—	
Paris	25	42½	25	47½	»

Praça de Lisboa, 18 de Abril. — Fundos publicos de 5 por cento, 50 e meio. Acções do Banco 460$. Acções do Fundo de Amortisação 37 por cento.

— *Estado do mercado em 19 de Abril de 1849.*

Assucar. — Continua a ser procurado, e os possuidores estão firmes nos preços de 1$600 e 1$100 por branco e mascavado de Pernambuco — e 1$400 e 1$000 por branco e mascavado da Bahia.

Caffé. — As qualidades superiores faltam, sendo bastante procuradas.

Marfim. — Continua empatado.

Coiros. — Pouco procurados.

Urzella. — Paralysada.

— Agio das Notas do Banco de Lisboa desde 29 de de Março até 18 de Abril.

		Por moeda Compra		Venda
Março	29.	2$070		2$050
	30.	»		»
	31.	»		»
Abril	1.	2$080		2$060
	2.	»		»
	3.	»		»
	4.	2$070		»
	5.	»		»
	6.	»		»
	7.	»		»
	9.	2$070		2$050
	10.	2$050	2$060	2$030
	11.	2$040	2$050	2$050
	12.	2$040		2$020
	13.	2$020		2$020
	14.	2$000		1$960
	16.	1$980		1$940
	17.	»		»
	18.	»		»

Correspondencia.

397 *Aveiro, 11 de Abril de* 1849. — Teem sido tão copiosas e abundantes as chuvas desde o meiado do mez passado, que as searas n'este districto não inspiram o menor receio de que a colheita seja escaça.

Talvez que na maior parte dos concelhos existam ainda depositos de grãos da ultima colheita, e alguns bastante providos, de sorte que, dado mesmo o caso de que a colheita futura não fosse abundante, aquelles depositos poderiam talvez supprir a falta que houvesse em todo o districto.

BIBLIOGRAPHIA.

398 *O Mundo Dramatico.* — Sahiu á luz o primeiro numero d'este periodico mensal, contendo, em nitida edição de 4.°, o drama original do Sr. José Maria Braz Martins, approvado pela Inspecção Geral dos Theatros, em 4 actos e 1 prologo — *Fernando ou o Juramento* — applaudido constantemente do publico. — Nas capas se vê, em resumo, a Zona Theatral, de muita curiosidade para os amadores da scena. — Subscreve-se no Escriptorio da Redacção, Calçada do Jogo da Pela, N.° 21; nas lojas da Viuva Henriques e Lavado, Rua Augusta, N.° 1 e 8; Zeferino, Rua dos Capellistas, N.° 23, e vende-se em todas as mais lojas do costume, no Theatro do Gymnasio Dramatico, e no Porto na de José Gonçalves da Silva Guimarães.

Preços

Por assignatura de 12 N.os . .	1$200 rs.
Dita de 6 ditos	660 »
No acto da entrega	120 »
Venda avulsa	160 »

—

Affronta por affronta, drama em 4 actos, representado pela primeira vez no Theatro de D. Maria II, no dia 19 de Novembro de 1848, pelo Sr. A. P. Lopes de Mendonça.

—

Casar ou metter freira, proverbio em 1 acto, pelo Sr. A. P. Lopes de Mendonça.

—

Guia e Manual do cultivador, ou Elementos de Agricultura, pelo Sr. Dr. José Maria Grande.

O primeiro volume d'esta obra, em grande parte publicado na Epocha, sahiu agora á luz corregido e augmentado, contendo resumidamente os preceitos mais geralmente adoptados, e as idéas mais elementares da agricultura propriamente dita.

Vende-se na loja dos Srs. Bertrands, aos Martyres n.° 45, e na do Sr. Bordallo, rua Augusta n.° 195. Preço 720 rs. — e para os srs. assignantes 600 rs.

Expediente.

ESCRIPTORIO — Rua dos Fanqueiros n.° 82.

Correspondencia franca de porte — ao Redactor e Proprietario da Revista Universal Lisbonense.

Assignatura.

Doze numeros.	$600 réis.
Vinte e quatro ditos	1$200 »
Quarenta e oito ditos.	2$400 »

Por assignatura sahe cada numero a 50 réis: *avulso* vende-se por 80 réis.

Todos os artigos, não assignados ou marcados, pertencem á Redacção.

A Empreza tem correspondentes em todos os Districtos do Reino, Ilhas, e nos Portos do Brazil.

Todos os collaboradores estrangeiros ou nacionaes são bem vindos.

A Revista acceita e troca com todos os jornaes portuguezes e estrangeiros.

— Brevemente começaremos a publicar um romance historico do Sr. Mendes Leal — O Conde de Castello Melhor.

— Em o numero seguinte será publicado um artigo do Sr. Julio Maximo Pimentel, ácerca do sabão.

— O projecto do Telegrapho Commercial será publicado.

— Recebemos o Fronteiro, jornal hespanhol e portuguez; a Synopse dos principaes actos administrativos da Camara Municipal de Lisboa em 1847; Considerações ácerca da Lei de 21 de Abril de 1843, pelo Sr. José James Forrester; e Apontamentos sobre a livre navegação do Doiro.

Errata. — A linha 43 da 1.ª col. da pag. 248, deve emendar-se do modo seguinte: . . . voltando-se para o discipulo do nome do Precursor.

Na pag. 254, 1.ª col., na linha 2.ª do ultimo §., onde está *um ultimo,* deve estar *um grande.*